



Arquivo pessoal

**Benedito Rubens Luna  
de Azevedo**

*Cientista Social, com especialização em Conservação de Arte Rupestre. Assessor da Prefeitura Municipal de Castelo do Piauí.*

## A IMPORTÂNCIA SOCIOAMBIENTAL DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO POTY NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL PIAUIENSE

O presente documento tem como objetivo discutir a importância da Bacia Hidrográfica do Rio Poty no processo de formação da identidade cultural piauiense, fazendo, inicialmente, uma contextualização histórico-cultural, tendo como pano de fundo a narrativa de sete “causos” e histórias fantásticas que permeiam o imaginário coletivo dos ribeirinhos. As informações e os conhecimentos inseridos no texto fazem parte do banco de dados oriundos de uma pesquisa sobre a citada bacia, desenvolvida por este autor, cujo ápice da investigação de campo ocorreu no ano de 2003, quando tive a felicidade de percorrer toda a extensão de sua calha, da nascente até sua foz, durante 65 dias, sem uso de qualquer apoio motorizado.

### **Contextualização geoespacial**

O Poty, que tem o significado de camarão na língua indígena, é um afluente da margem direita do rio Parnaíba e possui uma área de 52.202 quilômetros quadrados, abrangendo os Estados do Ceará, Piauí e o Maranhão se considerarmos que metade das terras no entorno de sua foz situa-se neste Estado. Quanto à nascente do rio, o mais usual pelos livros didáticos é considerar a junção dos riachos Fundo com o Cipó, na serra da Joanhina, como sendo a nascente do Poty.

Por si tal afirmativa mostra a sua imprecisão, ficando sem definir qual a nascente mais alta, a que tem a maior vazão, a mais distante, ou mesmo a que tem maior importância socioeconômica, inclusive, esta tese oficial aparece publicada no livro do geógrafo João Gabriel Batista, 1981. Porém, com base em minhas pesquisas pude notar que o curso principal do rio ultrapassa a serra da Joanhina e vai nascer mesmo é na serra da Ibiapaba, numa localidade rural por nome Jatobá, no Olho-d'Água da Gameleira. Seguindo rio abaixo, o primeiro aglomerado urbano é a comunidade de Santa Maria, e o município de referência é o de Quiterianópolis, Ceará.

O que mais chama a atenção sobre o Poty é o seu traçado sinuoso e imprevisível, pois o mesmo nasce de frente para o leste, migra para o norte, por quase 100 quilômetros, até encontrar uma fenda na própria serra onde nasceu e migra para o oeste onde se une com o rio Parnaíba, portanto, executando um giro de 360 graus sobre si mesmo. Ao cruzar ao meio a extensa e estreita serra da Ibiapaba, cordilheira que limita o Piauí e o Ceará, o rio forma o cânion do Poty, ou Boqueirão do Poty, como é mais conhecido pelos ribeirinhos. Por mais de 20 quilômetros o rio percola entre os paredões norte e sul da serra, for-

mando grandes poços que funcionam como reservatórios superficiais d'água, ladeados pelos paredões rochosos. Esta feição de cânion ainda ocorre por mais de 100 quilômetros rio abaixo, quando o mesmo se estreita por entre os contrafortes da serra.

### **O valor econômico da bacia**

Quanto à vegetação existente na bacia, é diversificada, ecotonal, sendo a caatinga, o cerrado e a mata de cocais os tipos mais densamente encontrados. Quase dois terços da população do Estado do Piauí vivem nesta bacia, sendo que Teresina, a capital do Estado, situa-se na foz do Poty. Das atividades econômicas geradoras de emprego e renda, citamos a ovinocaprinocultura, o extrativismo vegetal com a comercialização da cera de carnaúba, o óleo de coco babaçu, a cadeia produtiva do caju. A mineração com a exploração da opala, em Pedro II – PI e da pedra de castelo, no Município de Castelo do Piauí, vem assumindo um papel cada vez mais importante na pauta de incremento do Estado. O artesanato, a produção agrícola baseada nos gêneros de primeira necessidade e o setor de serviço na Capital do Meio-Norte impulsionam o desenvolvimento econômico e social da bacia. No entanto, é no setor do ecoturismo que encontramos uma promissora atividade econômica, tendo como atrativo principal o belíssimo cânion do rio Poty, tanto pelo seu cenário magnífico como pelo potencial arqueológico ali existente.

### **O valor histórico da bacia do Poty no povoamento do Piauí**

Mesmo sendo uma bacia importante para a economia piauiense, é na formação da sociedade piauiense que o cânion do rio Poty exerceu sua maior contribuição ao funcionar como corredor migratório entre os dois nordestes, por assim dizer, o ocidental, composto pelo Maranhão e o Piauí, e o nordeste oriental, formado pelo Ceará, Paraíba, Pernambuco. Bem antes da chegada do colonizador português, o ameríndio já aproveitava a passagem pelo boqueirão, evitando, com isso, o gasto energético de ter que subir e descer a serra em suas travessias entre o leste e o oeste e vice-versa. Como comprovação deste fato, encontramos uma infinidade de inscrições rupestres dispostas nos enormes blocos de pedra escuras e brilhantes, situadas na entrada do magnífico cânion. A técnica empregada na elaboração das inscrições é a gravura em baixo rele-

vo, por meio do picoteamento do substrato rochoso, ocorrem na forma de grafismos, tridígitos e setas como a indicar o caminho a seguir.

Da mesma forma que os ameríndios, também o colonizador português aproveitou-se da garganta do Poty para dominar o território, estabelecer as fazendas de gado e ampliar os domínios do império colonial português. Deu-se no ano de 1607 a partida de uma expedição jesuítica de Pernambuco com o fim de catequizar as tribos da serra da Ibiapaba. Padre Francisco Pinto e Luís Figueira comandavam o grupo composto, principalmente, de índios cativos.

As tribos do alto da serra, já afeitas ao contato com o colonizador, receberam muito bem a comitiva religiosa, porém quando os dois padres resolveram catequizar os índios Tacarijus que viviam nas terras baixas, na entrada oeste do boqueirão, sofreram um revés dramático. Na tentativa de expelir o invasor cultural, os Tacarijus atacaram, de surpresa, o acampamento dos padres, composto de uns poucos índios Tabajaras das terras do alto da Ibiapaba. Da chacina só restaram o padre Luís Figueira e um indiozinho que se escondera com ele numa moita próxima ao acampamento. Poucos anos depois, veio uma expedição militar e destruiu aquela nação guerreira.

Em meados do século XVII, chega à bacia do Poty o bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, estabelecendo suas fazendas no alto (Crateús), no médio (Valença) e no baixo Poty, na região de sua foz. Diante de seu poderio militar, muitas tribos passaram a fazer parte de sua gente. É, portanto, com estes índios que Domingos Jorge Velho se utiliza para destruir Palmares, no sertão alagoano. Daqui, parte com 1.300 arcos (guerreiros) para a guerra. Após derrotar o antigo quilombo, solicita a oficialização das terras da bacia do Poty à coroa portuguesa. Resquícios deste período colonial podem ser vistos em diversas ruínas encontradas ao longo do médio e baixo Poty, como é o caso da comunidade Burity do Sobrado no Município de Castelo do Piauí, onde existem os restos a meia parede de um grande edifício construído com blocos de pedra. Moradores antigos do lugar dizem que aquela edificação pertenceu aos jesuítas, tendo sido encontrados por populares peças e ornamentos religiosos nos arredores do enigmático casarão.

Outra evidência da utilização do cânion do Poty naquela época, como via de acesso, diz respeito à exportação do gado piauiense para o Ceará, Pernambuco e Bahia que utilizava o boqueirão. Ain-

da hoje podemos ver enormes currais de pedra próximos à localidade Oiticica, usados para acomodar o gado, antes de cruzar o cânion. Nos anos de seca ocorria o fluxo inverso, era o gado do sertão do Ceará que migrava para o Piauí em busca de água e pastagens através daquele portal.

Diante de tamanha valoração histórico-cultural, não é de causar espanto que a população ribeirinha e rural desta bacia tenha um profundo conhecimento a respeito de lendas, “causos” e histórias fantásticas remanescentes deste passado agitado por migrações, guerras e conquistas. A seguir, apresentaremos a narrativa de sete casos na tentativa de ilustrar o universo mítico e onírico das populações ribeirinhas do cânion do rio Poty.

## **CASO I: O Monstro do Poty**

Contam os antigos que, lá pras bandas da localidade Oiticica, zona de litígio entre o Piauí e o Ceará, na entrada do boqueirão, habitava um monstro aquático com mais de 20 metros de comprimento. Sua morada eram os extensos e profundos poços do rio. Assustava a lavadeira, o vaqueiro, todo aquele que se aproximasse do rio. Dizem que quando se movia, fazia um vinco na água, tipo uma onda do mar em razão do seu tamanho e força descomunais. Além disso, provocava um forte esturro ouvido a longa distância. Ao contar esta estória para o Seu Clóvis, morador da cidade de Quiterianópolis e profundo conhecedor do Poty no seu alto curso, o mesmo disse-me que já conhecia o fato e que, no período em que servira o exército, na cidade de Crateús, década de 1960, participou de uma expedição de reconhecimento ao local de aparição do temível monstro, na tentativa de capturá-lo. Durante muitos dias armaram campana às margens do Poty, porém a armadilha não logrou sucesso. Ao que parece o monstro do rio ainda hoje habita os profundos e escarpados poços, escondendo-se nas inúmeras grutas submersas daquele boqueirão.

Em tempo: Seu Clóvis é um dos que defendem que a nascente do Poty situa-se no Jatobá.

## **Caso II: Maniqueísmo no Monte Nebo**

Na região do alto Poty vivia a tribo indígena dos Crateús, que segundo o Seu Ferreirinha, conhecido historiador natural da cidade de nome idêntico, a palavra Crateús origina-se da fusão de dois nomes de animais ribeirinhos o cará, um peixe, e tiú, um réptil. Com

a chegada dos colonizadores portugueses, paulistas e baianos, aos poucos o domínio dos Crateús ia reduzindo de tamanho, expulsos pelos latifundiários na sua ganância por mais pastos. Ao cabo de décadas só restou um estreito, mais fértil, vale aos pés da serra da Ibiapaba, distando algo em torno de 40 quilômetros da cidade. Para se ter uma idéia do quanto aquele lugar era fértil, ainda hoje existem no centro da comunidade do Monte Nebo os escombros de um antigo engenho de cana que possuía 12 moendas. Sem ter para onde ir, os índios fizeram dali sua última trincheira e mantinham arqueiros bem armados para afastar qualquer invasão dos criadores de gado. Foi aí que os fazendeiros utilizaram uma velha tática de guerra de infiltrar um espião nas fileiras do inimigo. Determinaram a um de seus encarregados que fosse à tribo fazendo-se passar por um mercador amigo. Deram-lhe várias bugigangas, como espelhos, miçangas, pentes, contando ainda uma boa carga de cachaça. A estratégia surtiu efeito e os ingênuos índios permitiram a entrada do emissário maldito. Durante a noite, no auge das danças e cantorias, a bebida foi fartamente distribuída e, em pouco tempo, a maioria dos guerreiros estavam embriagados, sem forças para combater. Depois de recolher as armas de guerra dos índios, o intruso acena aos seus asseclas que aguardavam escondidos o sinal para invadir o acampamento indígena e executar a chacina sem encontrar a menor resistência. Do genocídio, sobraram apenas uns poucos curumins e mulheres que foram escravizados. Com atitudes pouco éticas como estas é que se formou o caráter de nossas elites dominantes.

## **CASO III: A Pedra do Tic-Tac**

Tão interessante quanto a narrativa sobre a enigmática pedra é o seu intérprete, Seu Chico Peres, morador do São Bento, comunidade situada às margens do Poty, no Município de Burity dos Montes, homem de grande sabedoria. Segundo ele, havia uma pedra situada numa planície, no caminho entre o São Bento e a cidade de Pedro II – PI. Não era tão alta, quase do tamanho de uma geladeira, mas o que tinha de especial era a capacidade de emitir um som muito parecido com o tic-tac dos antigos relógios à corda, só que muito alto, ininterrupto e tão estridente que fazia cair o queixo do sertanejo. O fenômeno chamava tanto a atenção, que pessoas de diferentes localidades viajavam léguas para assistir à pedra do tic-tac dar seu *show*. Foi aí que apareceu um cida-

ção não se sabe de onde veio e, na tentativa de furtar o suposto relógio que havia no seu interior, dinamitou-a, destruindo-a por completo, acabando, também, com o estranho som que emitia.

#### **CASO IV: Família que Luta Unida Sobrevive**

Este fato aconteceu nas eras de 1980, lá pros lados do vale do rio Cais, afluente da margem esquerda do Poty, e muito ilustra sobre a fibra e a garra do sertanejo nordestino quando precisa encarar as adversidades do meio ambiente em que está inserido.

Morava em um sítio distante, no interior de uma densa mata, uma família típica do sertão: o pai, a mãe e três filhos pequenos – a menina com mais idade não havia completado os 12 anos, os outros contavam seis e sete anos. O vale do Mirindibal é circundado pela serra do Morcegueiro, assim conhecida em função das dezenas de cavernas ali existentes que serviam de moradia para os mais temidos animais do sertão, cobras, morcegos, caititus e onças.

O certo é que, num determinado dia, os pais dos três garotos tiveram que ir trabalhar numa roça distante, deixando a criança maior tomando conta dos dois menores. Não fazia muito tempo que partiram, nas primeiras horas do dia, quando as crianças ouviram um barulho no quintal da casa. A menina mais velha foi ver o que estava acontecendo e, ao chegar lá, percebe que o galinheiro estava sendo atacado por um animal. Supõe a garota ser um cachorro-do-mato e, gritando, corre para cima do animal na tentativa de que o mesmo fuja com medo da zoada. Qual o quê, nem o animal fugiu, tampouco era um cachorro-do-mato. Na verdade era uma onça parda adulta que, deixando de lado a galinha, saltou em cima da assustada criança. Aquele alvoroço todo chamou a atenção dos dois irmãos menores. Lá chegando, depararam-se com o enorme felino desferindo golpes na irmã. Sem titubear lançaram-se os três naquela luta renhida, armados com uma pequena faca tipo canivete e um porrete feito do caule do jucá, duríssimo. Depois de um longo e sangrento combate, as crianças conseguiram matar a temida onça. Tão grandes e profundos foram os ferimentos provocados pelo perigoso felino que a criança mais velha teve de passar dois meses no hospital, em recuperação. Hoje, já adulta, Francisca, a irmã mais velha, guarda as cicatrizes por todo o corpo, mas é no seu olhar, no seu ar de guerreira que percebemos toda a garra e altivez do sertanejo da bacia do rio Poty.

#### **CASO V: Uma História de Fé**

Ao visitar a cidade de Prata do Piauí, às margens do Poty, no seu baixo curso, o visitante se encantará com a singeleza e o ar interiorano típico de sertão piauiense. Também não poderá ir embora sem desfrutar do refrescante balneário da Prata Velha, que fica nas cercanias da cidade, onde uma grande piscina de água natural e cristalina é alimentada por olhos-d'água de forma permanente. Se sentir fome, o turista deve procurar a “Fé” e seus problemas estarão resolvidos, é referência na cidade. Também fabrica doces deliciosos. É muito comunicativa e alegre. Contou-me, então, de uma especial experiência que aconteceu com ela durante sua adolescência. Sua família possuía raízes numa pequena comunidade rio acima, ficava próximo ao poço do Curicica, sendo este muito profundo. Ela e sua mãe foram passar uma temporada, deixando a cidade de Prata onde viviam. Como de costume, cedo da manhã as mulheres da comunidade dirigiam-se ao rio com o objetivo de lavar roupa e pegar água para o abastecimento dos lares. Enquanto isso, Fé, suas primas e colegas acompanhavam as mães naquele alegre passeio. No dia do ocorrido, as meninas brincavam de ver quem dava o salto mais espalhafatoso possível, o que fizesse espalhar mais água para todos os lados. Sempre espevitada, Fé se esforça ao máximo na sua vez, afasta-se, corre e salta dando um mortal antes de cair na água. Afundou, perdeu os sentidos e a direção para chegar à margem do rio, nadou embaixo d'água a esmo. As colegas logo perceberam que alguma coisa havia dado errada, pois Fé não retornara à tona. Em pouco tempo toda a comunidade estava em volta do rio. Pescadores experientes lançavam-se em mergulhos demorados para tentar encontrar Fé, sem sucesso. Depois de horas de busca infrutífera, deram o caso por encerrado, imaginando que a moça estivesse morta, presa em alguma raiz ou saliência de rocha submersa. Choro, desmaios, desespero dos parentes e amigos era só o que se ouvia.

Mas o que aconteceu depois deixou todos cobertos de espanto. Já era fim de tarde e todos esperavam a chegada do delegado para registrar o caso quando, de repente, surge Fé na margem do rio. Ainda tonta e exausta desmaia na frente de todos. Ao acordar, Fé explicou que, ao cair na água, ficou atordoadada e nadou embaixo d'água, entrando, sem saber, numa gruta submersa. Já quase sem fôlego, chegou num lugar muito escuro, uma gruta interna, onde pôde

respirar. Ali mesmo ficou e adormeceu. Algum tempo depois sentiu alguém se aproximar dela, parecia um ser meio-peixe meio-homem, que a pegou pelos braços e a conduziu até bem próximo da margem, depois retornou para as profundezas do Poty. Quem a retirou da caverna? Como ela conseguiu retornar e quais seres habitam as cavernas submersas do Poty? São questionamentos que murmuram, vez por outra, em meus pensamentos e devaneios.

## CASO VI: Prova de Amizade

Nesta narrativa a figura emblemática é a assustadora cobra sucurei. Este animal se adaptou muito bem ao ecossistema do cânion do rio Poty onde os grandes poços lhe serviam de moradia, tendo peixes e outros animais do entorno como seu alimento predileto. Entretanto, com os desmatamentos, a caça predatória e a perda da biodiversidade já não se vêem grandes exemplares destes animais. Ouvi, da parte dos pescadores, que, no poço Amarelo – tem este nome devido à cor dos paredões de arenito que o circundam – há dez anos, eles mataram uma sucurei que media 72 palmos, algo em torno de 14 metros. Na esperança de reaver o couro do bicho perguntei-lhes se o guardaram. Qual não foi minha tristeza quando soube que o couro foi cortado em pedaços para a fabricação de tamboretas, ou seja, pequenos bancos de madeira cujo acento vem a ser o couro da cobra, por ser duro e resistente.

Mas o caso que vou lhes contar ocorreu num poço profundo de um afluente da margem esquerda do Poty, o rio Sambito. Lá estavam dois pescadores, amigos de longas datas. Era fim de tarde, eles usavam uma canoa de madeira típica do lugar para ajudar a fixar os enganchos e redes, enquanto um ia por dentro d'água o outro seguia na canoa, num trabalho de ajuda mútua. Ao passarem por uma anciã que estava a lavar roupas, ouviram dela uma informação assustadora. Disse ela que, naquele sinistro poço, morava uma sucurei muito antiga, de grandes proporções e que seria melhor que voltassem de onde vieram. Disse também que a cobra sucurei já tinha tragado vários pescadores para o fundo do rio, onde possuía um esconderijo. Sendo que até aquela data ninguém mais viu o corpo dos pescadores mortos. Sem temerem o aviso, os dois amigos penetraram mais ainda no alcantilado boqueirão, preparando as armadilhas. Quando, de súbito, quebrando a harmonia do lugar, eis que surge a sucurei, ao tempo em que

emite um esturro assustador, dá um salto ao lado da canoa. Com o movimento da água, o pescador que estava na canoa se desequilibra e cai no rio. O amigo, distando uns 20 metros dali, nada pode fazer. A velha, de longe, assiste impávida. Ao cair, o coitado torna-se presa fácil para o astuto ofídio, que dá o bote e o carrega para o fundo do rio. O amigo que ficou nadou até a margem sem saber ao certo o que fazer, quando a velha pragueja mais uma vez dizendo que não havia mais o que fazer, e aquele seria mais um jantar da sucurei. Ao ouvir a lavadeira desdenhar da situação, enche-se de rancor e ódio para com a terrível cobra. Responde à velha dizendo que aquele seria o último almoço da sucurei, e ele retornaria com o corpo do amigo, mesmo que já morto. Acomodou sua faca entre os dentes, colocou todo o ar possível nos pulmões e mergulhou no rio. Não demorou a achar a entrada do esconderijo da sucurei e, já quase sem fôlego, alcançou a parte seca no interior da caverna submersa. Em seguida, acendeu uma vela para clarear o lugar, quando enxergou a grande serpente sem veneno, ainda enroscada quebrando os últimos ossos inteiros do infeliz amigo. Com a fúria de um titã desferiu inúmeras facadas no tenebroso animal, levando-o ao óbito. Resgatou o amigo trazendo consigo a cabeça da cobra. Ao ver o pescador retornar, a velha lavadeira danou-se em desabalada carreira. Antes de partir o bravo pescador enterrou o amigo cobrindo-o com seixos do Sambito, recuperou os enganchos armados e os peixes capturados. Concluídos os serviços, foi embora avisar aos familiares do colega morto sobre o trágico acontecido.

## CASO VII: A Rainha do Poty

Fora a temida cobra sucurei, existe um outro animal que põe medo e assusta a todos que se servem das águas do Poty, é a assustadora arraia. Mas sua ocorrência limita-se à parte do médio e por toda a extensão do baixo Poty. Ela só não habita os poços mais altos do rio porque a arraia não consegue vencer a acentuada declividade da cachoeira da Lembrada, situada no Município de Burity dos Montes. Talvez pela falta de predadores este esquisito peixe de forma ovalada proliferou de maneira indiscriminada. Sua arma de defesa é um poderoso esporão que traz consigo na ponta de uma saliência, tipo cauda. A arraia gosta de viver enterrada no limo, próximo à margem do rio. Sem perceber o perigo, aquele que pisar em cima dela sofrerá uma forte perfura-

ção, cujo ferimento provoca uma dor insuportável. Sua recuperação é lenta, muitas vezes infeccionando a ferida. Sua esporada é tão intensa que até um touro ou cavalo que nela pise terá seu casco perfurado, e, em razão da dor, o quadrúpede rolará por horas na margem do rio, sangrando muito no local atingido.

Disse-me um pescador, na altura da passagem da Concórdia, Município de Juazeiro do Piauí, ter capturado uma grande arraia, cuja circunferência media 17 palmos. A espécie mais comum no Poty tem uma coloração marrom escura, porém, fui informado que no alto do rio São Nicolau, afluente do rio Sambito, vive a arraia branca muito grande e sua esporada é tão violenta que, se não matar, aleija o acidentado. Ao chegar numa fazenda às margens do Poty, no Município de Monsenhor Gil, de longe avistei um homem que caminhava com dificuldade. Ao me aproximar pude perceber um ferimento muito inflamado no seu pé direito. Ele contou-me que estava pescando no rio, se achando protegido, pois estava calçado com uma bota de borracha vulcanizada, entretanto, ao pisar numa arraia, esta conseguiu perfurar a bota e atingir a parte superior do seu pé.

Por esta e por tantas outras, é a arraia um animal que permeia o universo imaginário dos ribeirinhos do Poty. Foi durante uma de minhas viagens de campo ao médio Poty, que escutei uma história espetacular. Em eras passadas, os pescadores do rio projetaram uma espécie de bota de carnaúba, que deixava livre de esporadas quem as calçasse. Os pescadores trançavam de tal forma a palha da carnaúba que, quando molhadas, aumentava a resistência das mesmas. Para o meu desencanto ninguém mais sabia confeccionar a dita bota. Imaginei que aquela técnica teria se perdido com o passar do tempo. Dois anos depois voltei à mesma região, convidado que fui pelo Senhor Pedro de Loia, agente de saúde da comunidade Piaus, Município de Burity dos Montes. Após a festa, retornava eu com mais alguns convidados na traseira de um pick-up, quando comentei a respeito da bota de carnaúba, explicando, por fim, minha mágoa em não encontrar quem a confeccionasse. Neste momento uma senhora me toma a palavra e diz que viu várias vezes seu avô fabricar a bota. Afirmou, também, ser ela capaz de confeccioná-la, dei saltos de alegria. A fiz prometer que tentaria, até lhe consegui as palhas para executar a tarefa. Dois meses depois Dona Maria Palhares manda avisar que a bota estava pronta. Quando cheguei a sua

casa, na cidade de Castelo do Piauí, já não agüentava de tanta ansiedade. Ela vem e traz nas mãos um par da bota de carnaúba, tão perfeito que mais pareciam objetos mágicos, daqueles que só vemos nos contos de fada. Na verdade estava ali consumado o resgate de uma cultura única, fruto da vivência secular do sertanejo interagindo com o seu meio ambiente, encontrando soluções ecológicas que aplaquem o seu sofrimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com toda a importância social, cultural, econômica, arqueológica e ambiental, vivemos a esdrúxula situação de observar a paulatina morte do Poty. São tantos os problemas que lhe encerram que merece um artigo à parte. O desmatamento, mineração criminosa, assoreamento, passando pelo lançamento de esgotos urbanos, a caça e a pesca predatórias são alguns exemplos. A construção aleatória de barramentos vem gerando uma perda considerável da oferta de água de superfície. Os vales do alto e médio Poty eram úmidos, possuíam matas verdejantes, como é o caso do Monte Nebo em Crateús. Hoje a vegetação é composta de arbustos esparsos, terra nua, sem nutrientes, e as poucas matas de encosta que sobraram estão desaparecendo em virtude das queimadas. Com a elevação da temperatura e o efeito estufa tem havido uma aceleração do processo de desertificação na bacia do rio Poty. Este quadro, infelizmente, nos apresenta um futuro sombrio para os habitantes do Poty.

É necessário, portanto, um esforço coletivo envolvendo os diversos segmentos da sociedade para amenizar os efeitos nefastos do antropismo. Esforço este que passa, peremptoriamente, pela criação do Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio Poty, a fim de que elaboremos uma política unificada de revitalização e gestão das águas, desde a nascente até sua foz. Não haverá futuro sustentável se o nosso principal insumo, a água, não receber a devida atenção por parte de todos.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Cláudio. **Dicionário histórico e geográfico do estado do Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1994.
- BAPTISTA, João Gabriel. **Geografia física do Piauí**. [Teresina]: Comepi, 1981.
- CHAVES, Joaquim. **O índio no solo piauiense**.